

O capital entre o eterno retorno e a desmedida

Gustavo Moura de Cavalcanti Mello



Saturno Devorando um de seus Filhos, 1820-23, técnica mista sobre tela, Francisco de Goya, Museu do Prado, Madri.

Como parte do gentil convite para que eu escrevesse algo para a *Revista do PET Economia UFES*, é bom destacar que foi-me dada total liberdade no que tange à forma e ao conteúdo do texto. Não obstante, fiquei instigado pela temática desta edição da revista, que indaga sobre as determinações e as especificidades do capitalismo contemporâneo. Ainda não pude ler as demais contribuições, mas posso imaginar análises variadas, que tratam dos recentes avanços da automação produtiva, os quais

tendem a se acirrar com o desenvolvimento de tecnologias como a dita inteligência artificial, ou de expressões correlatas, como a *plataformização* do trabalho, sobre o pano de fundo de sua precarização. Imagino ainda considerações sobre as desigualdades sociais crescentes, a vigorosa concentração de renda e de propriedade, o incremento do pauperismo e da subnutrição, tendências que se verificam em escala mundial, ainda que de maneira marcadamente assimétrica.

Não surpreenderia encontrar também aqui reflexões sobre a virtual estagnação da economia mundial, e os níveis historicamente baixos das taxas de investimento e de lucro; ou sobre a proeminência assumida pela dimensão fictícia da acumulação de capital, bem como os endividamentos estatais e privados galopantes. Ou ainda sobre as recorrentes crises econômicas, cujas graves consequências sociais tendem a poupar – ou mesmo a beneficiar – as grandes corporações empresariais, amparadas por amplas políticas estatais de salvamento.

De modo geral, não sairíamos do tema se um ou outro dos artigos publicados versassem sobre o recrudescimento da voracidade do capital diante de sua crônica crise de sobreacumulação, e de seu ímpeto espoliador sobre o trabalho e a natureza, que se relacionam a cada vez mais

frequentes e virulentas catástrofes sociais e ambientais, sempre imbricadas, e que resultam em mortes, sofrimento, bem como em milhões e milhões de deslocamentos forçados a cada ano. O mesmo poderia ser dito da escalada armamentista e do pulular de guerras sanguinárias pelo mundo, em um contexto interestatal marcado pela proliferação de “Estados falidos” e pela contestação da hegemonia norte-americana, tendo a China à frente. E a lista se prolongaria ao se considerar a progressiva destruição de sistemas sociais protetivos, o encarceramento em massa, as pandemias de doenças psíquicas, as novas estruturas de vigilância e controle social, a onipresença da indústria cultural na forma de redes sociais e plataformas de *streaming*, etc.

Ora, diante desses fenômenos todos, talvez uma primeira resposta à indagação “Que capitalismo é esse?” poderia ser, numa palavra: um capitalismo que corresponde, cada vez mais, ao seu próprio conceito. Que anticlímax! Mas que tem sua razão de ser, afinal, desde seus primórdios, esse modo de produção: a) se baseia na reiterada expropriação e exploração dos produtores diretos; b) tem como palco o mercado mundial, hierárquico e atravessado por relações coloniais e imperialistas, carregando o militarismo em seu âmago; c) coisifica e reduz tudo o que existe a mero meio de autovalorização do valor; d) põe em movimento uma concorrência encarniçada, em meio a qual capitais mais poderosos fagocitam os mais fracos, gerando crescente concentração e centralização de capitais; e) exige a produção incessante de novas necessidades e a

descartabilidade das mercadorias, numa espiral consumista; f) é movido a crédito, que tem como um de seus pilares o sistema da dívida pública; e por aí vai.

Antes de qualquer coisa, sabe-se que o capital não é mera coisa, mero instrumento de trabalho, nem se confunde com uma forma geral de apropriação, e tampouco com a propriedade privada. E não basta tomá-lo simplesmente como uma relação social; o capital é um *sujeito automático* insaciável, trabalho morto que ganha vida ao vampirizar o trabalho vivo de modo cada vez mais intensivo e extensivo. Além disso, o *modo de produção especificamente capitalista* está baseado na produção por meio de sistemas de máquinas automáticas, e tende a elevar a razão entre meios de produção (capital constante) e força viva de trabalho (capital variável), chegando mesmo a alijar trabalhadores do espaço produtivo em termos absolutos – dando origem ao que comumente se conhece por *desemprego estrutural*. É por isso, por exemplo, que uma empresa como a Uber não se contenta em se colocar como intermediária entre usuários do sistema de transporte e os motoristas, logrando reunir sob seu comando um verdadeiro exército de trabalhadores precarizados, supostos “colaboradores” – numa espécie de atualização do regime de salário por peças e do *putting-out system*. Essa mesma empresa está engajada numa feroz concorrência pelo pioneirismo na produção de carros autônomos, ou seja, no avanço da subsunção real do trabalho ao capital e na expansão do sistema automático de máquinas para a indústria do transporte.

Por conseguinte, salta à vista que, salvo quando lhe são impostos freios por meio da organização da população trabalhadora em classe, a produção de desigualdade e de precarização do trabalho é inerente ao capitalismo, assim como a constituição de uma numerosa superpopulação relativa, ou de massas de pessoas sobrando da perspectiva da acumulação. Entre a sarjeta, as minguadas políticas focalizadas, e as masmorras modernas, a exploração assalariada aparece quase como dádiva para o grosso da população.

O mesmo vale para a crescente predação da natureza, que é vista ora como insumo, coisa a ser consumida, ora como barreira, coisa a ser devastada – o “inferno verde”, que é como os militares costumam chamar a floresta amazônica; ou que é, então, fetichizada, e convertida em ornamento a ser usada como estratégia de marketing pela indústria do turismo e pelo mercado imobiliário, e em nova frente de expansão da acumulação – o mito do capitalismo verde, a panaceia dos créditos de carbono, ou algo que o valha. E assim, sob o mantra do desenvolvimento sustentável, nunca se emitiu tantos poluentes e nunca se queimou tanto carvão como nas últimas três décadas...

Claro está que essa ofensiva contra a população trabalhadora e a natureza responde ao ímpeto fanático por apropriação de riqueza social ou, mais especificamente, de mais-valia, seja em sua forma transfigurada de lucro, juros, dividendos, renda absoluta, diferencial ou de monopólio. É igualmente certo que num contexto de declínio secular das taxas de lucro e de crônica sobreacumulação de capital, tendem a ganhar

força as estratégias que visam, prioritariamente, os tais ganhos de capital e uma série de maquinações financeiras – incluindo pirâmides e todo tipo de esquema Ponzi –, ou mesmo adiar o colapso por meio de uma espiral de endividamento. E assim, a despeito das tendências recessivas da economia mundial, pilhas de capital fictício se amontoam, alimentando sucessivas bolhas financeiras.

Sob esse pano de fundo, também são catapultadas as estratégias que se voltam ao monopólio de insumos estratégicos, de tecnologias, algoritmos etc. que, em última análise, são frutos da natureza e do intelecto geral, cuja liberação é feita mediante o pagamento de vultosos resgates na forma de renda. Juntando as pontas, compreende-se, por exemplo, o poder descomunal das *big techs*, que ao cercar os algoritmos na forma de patentes e ao promover o extrativismo de dados, logram se apropriar de riqueza produzida nos quatro cantos do planeta.

É fácil perceber, então, que esse é um capitalismo no qual a acumulação se dá mais por centralização do que por concentração de capitais, em meio a uma concorrência intercapitalista cada vez mais acirrada. Compreende-se, assim, que as grandes corporações, a despeito de seu caráter transnacional, busquem se valer do poder dos Estados-nacionais como forma de aferir vantagens, inclusive por meios bélicos, se lhes for conveniente. É por isso que essas mesmas corporações não hesitam em demandar monumentais políticas emergenciais e anticíclicas, quando da deflagração de crises, o

que revela o papel central do Estado na produção e reciclagem de capital fictício – vide os muitos trilhões de dólares injetados na economia mundial por meio do afrouxamento monetário, desde a crise do *subprime*. A despeito da grita pela não intervenção, a subsunção real do Estado ao capital só se faz aumentar e, junto com ela, o engajamento do Estado no fomento à acumulação.

Ao que tudo indica, o lema dos empresários, premidos pela concorrência, segue sendo aquele da corte francesa às vésperas da Revolução Francesa: “Depois de mim, o dilúvio!”. Não é à toa que os bilionários sonhem com missões intergalácticas para predar novos mundos, depois de abandonar um Planeta Terra literalmente em chamas.

Essa última constatação por si só indica, no entanto, que, de uma perspectiva crítica, não basta salientar as tendências gerais do capitalismo. Sem dúvida, esse modo de produção tem como fundamento, motor e finalidade o movimento tautológico da valorização do valor. Não obstante, como já se indicou, ele evolui historicamente, e se transforma a partir de seus êxitos e de suas contradições. E se o capitalismo é historicamente constituído, se possui uma história interna, ele possui também limites históricos, que têm se revelado de forma drástica. Conforme se argumentou, atualmente, o capitalismo se sustém, sobretudo, por meio da

espoliação e do emprego da violência direta como forma elementar de mediação social, e parece ter adentrado uma verdadeira deriva suicida. As crescentes mazelas sociais, já mencionadas, e a perspectiva de uma hecatombe atômica e ambiental revelam que o capitalismo contemporâneo nada tem a oferecer a não ser a escalada da barbárie e mesmo a virtual extinção da humanidade.

Como nunca, é imperativo cortar o pavio antes que a chama atinja o explosivo. Para tanto, de nada adianta alimentar veleidades utópicas; ao contrário, como ensina a crítica da economia política, a produção de novas formas de sociabilidade, de uma perspectiva emancipadora, pressupõe a negação determinada das relações sociais atuais e, por conseguinte, é necessário compreendê-las profundamente. Nesse sentido, há de se saudar a iniciativa do PET Economia na organização desta edição da revista, dedicada ao pensamento crítico sobre o capitalismo contemporâneo.